



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JANETTE ARCANJO

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Janette Mara Arcanjo

Entrevistador: Igor Chagas Monteiro

Local da entrevista: Juiz de Fora

Data da entrevista: 29/04/2014

Processamento da Entrevista: Igor Chagas Monteiro

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 17 páginas

Número da entrevista: E-751

Data da autorização para publicação no Repositório: 05/10/2016

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Igor Chagas Monteiro intitulada *Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em agosto de 2016.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

Sumário

Início no esporte; Inserção e trajetória na arbitragem; Formação para a atuação na arbitragem; Atuação no futebol profissional; Referências na arbitragem; Arbitragem e vida pessoal; Campeonatos que atuou; Momentos marcantes da carreira; Relação com a mídia; Federação Mineira de Futebol; Confederação Brasileira de Futebol (CBF); Federação Internacional de Futebol (FIFA); Homens e mulheres na arbitragem; Significado da arbitragem; Novas gerações; Copa do Mundo de Futebol Feminino: Copa Algarve; Legado da arbitragem.

Juiz de Fora, 29 de abril de 2014. Entrevista com Janette Mara Arcanjo a cargo do pesquisador Igor Chagas Monteiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.M. – Ao longo da vida, antes de sua atuação como árbitra, você teve contato com alguma prática esportiva?

J.A. - Sim. Eu joguei vôlei, quando eu era mais nova, mas nada profissional.

I.M. - Como foi esta experiência para você?

J.A. - Ah, foi bacana porque eu sempre gostei de esportes e na minha cidade lá¹, tinha um clube que oferecia várias modalidades e eu optei pelo vôlei. Eu sempre gostei mais de esportes coletivos. Foi uma experiência muito boa.

I.M. - O que te levou a arbitragem no futebol?

J.A. - O que me levou foi uma reprovação no vestibular. Eu tinha feito vestibular para direito em Belo Horizonte e, eu não passei. Aí na minha cidade lá abriu um curso², eu vi um cartaz assim na padaria, falando que pela primeira vez ia ser extensivo às mulheres, aí eu resolvi fazer. Eu gostava de esporte, não é? Então era uma forma de estar inserida no meio.

I.M. - Quando você começou a arbitrar?

J.A. - Em 2000.

I.M. - Onde iniciou a sua atuação na arbitragem?

¹ Ipatinga, interior de Minas Gerais.

² Curso de Formação de Árbitros de Futebol, realizado em Ipatinga.

J.A. - Eu iniciei em Ipatinga, fiquei lá um ano e em 2001 eu vim para Belo Horizonte, na Federação³.

I.M. - E lá era liga amadora?

J.A. - Sim, liga amadora.

I.M. - E em 2001 você foi para a Federação Mineira, isso?

J.A. - Isso. Fui para a Federação Mineira.

I.M. - Como foi o processo de envolvimento com a arbitragem?

J.A. - Como foi o meu processo de envolvimento com a arbitragem? Se eu fui gostando, se eu fui subindo de categoria?

I.M. - É. Se você quiser comentar um pouco como é que foram os cursos de arbitragem que você fez e comentar um pouco da sua trajetória, como é que você foi se envolvendo, gostando, não é?

J.A. - Entendi. Bom, na verdade eu estava fazendo uma preliminar do Módulo I do Campeonato Mineiro⁴ em Ipatinga e havia um delegado da Federação, que já até faleceu, o Senhor Marcha Ré e, ele me perguntou se eu tinha em vir para a Federação Mineira de Futebol. Tinha uma menina na época junto, aí ele perguntou se a gente queria, e eu falei assim: “Ah, eu topo”. Era a minha chance de poder vir para cá⁵. Aí eu vim e comecei a trabalhar nas categorias inferiores, menores, não é? Infantil, juvenil. Aí nisso deu que eu passei no vestibular aqui na Federal⁶, aí já fui estudando e mexendo com arbitragem. Aí passaram-se três anos, um, dois três, quatro...eu acho que foi em 2004, surgiu a oportunidade de fazer o teste da CBF, porque eu tinha feito o teste do Campeonato Mineiro do Módulo I com índice masculino, que até então...a partir dessa época passou a ser

³ Federação Mineira de Futebol.

⁴ Módulo I é a primeira divisão do Campeonato Mineiro de Futebol Masculino.

⁵ Belo Horizonte, cidade em que a entrevistada reside.

exigido. E com esse teste meu masculino para o Campeonato Mineiro, eu comecei a arbitrar na primeira divisão e conseqüentemente fui indicada para CBF, fiquei dois anos. Em 2006 teve um corte, para enxugar o quadro e o critério utilizado eram os mais recentes para saírem. Então saí eu e mais três, quatro árbitros, justamente por esse corte. E passado um ano que eu tinha saído, houve um problema com a Federação Mineira em que, eu acho que 7 árbitros, entre árbitros e assistentes, foram cortados do quadro da CBF por conta de problemas de passagem. Foi um escândalo na época e tudo, e diante disso eu retornei ao quadro da CBF em 2007. Foi indo, trabalhei no Campeonato Brasileiro essas coisas todas, a minha estréia na Série⁷ A foi Cruzeiro e Atlético, com o Paulo César de Oliveira⁸ em 2009. E em 2011, na verdade em 2012, fui promovida a Aspirante FIFA e em 2012 integrei o quadro internacional.

I.M. - Agora eu queria que você comentasse, como foi o processo de formação para a atuação na arbitragem?

J.A. - Ah, chegando aqui em Belo Horizonte eu fui fazer um curso na liga de Contagem⁹, porque na época a carga horária exigida era totalmente diferente. Fiz o curso lá, fui aprovada nas provas e ingressei no quadro da Federação¹⁰.

I.M. - Você lembra quanto tempo de curso, mais ou menos, que foi?

J.A. - Um fim de semana.

I.M. - E o curso da Federação Mineira?

J.A. - Não. Esse curso da liga de Contagem que ficou válido pela Federação Mineira.

I.M. - Ah, sim. Foi um curso cancelado, então?

⁶ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

⁷ Primeira divisão do Campeonato Brasileiro de futebol masculino.

⁸ Ex-árbitro de futebol atualmente.

⁹ Cidade mineira próxima à capital Belo Horizonte.

¹⁰ Federação Mineira de Futebol.

J.A. - Exato. Exato.

I.M. - Quando você iniciou Janette, Como era visto a situação da mulher na arbitragem no futebol?

J.A. - Bom, eu peguei uma fase que é ainda recente, não é? Não tinha muita divulgação. Nós tínhamos árbitras aqui no quadro, mas não trabalhavam nas principais categorias, não é, da primeira divisão justamente por conta dessa exigência. Aí eu peguei a época da Ana Paula Oliveira, da Silvia e da Aline¹¹, que a partir delas é que nós passamos a ter uma divulgação maior e fomos inseridas.

I.M. - O que descreveria como fatores motivacionais para a sua inserção na arbitragem?

J.A. - Gosto pelo futebol, acho que é o primeiro de tudo. Ah, eu não sei. O dinheiro também, é um fator que atrai, não deixa de ser interessante, só isso. Visibilidade, status, só isso.

I.M. - Enfrentou dificuldades quando você iniciou sua atuação?

J.A. - Ah, com certeza, não é? Porque primeiro saí do interior e vim morar aqui na capital e depois o próprio... quando eu comecei fiz muito futebol amador, os lugares não eram muito legais, então era difícil trabalhar, não é? Tinha até uma certa resistência por parte dos homens, porque não tinha tanta mulher assim trabalhando. Foram esses tipos de problemas.

I.M. - Você atua como árbitra ou assistente no futebol profissional?

J.A. - Assistente.

I.M. - Qual foi a maior categoria que você atingiu (CBF, ASP-FIFA, FIFA ou Federação Estadual)?

¹¹ Ana Paula Oliveira e Aline Lambert eram assistentes e Sílvia Regina, árbitra. Compuseram o primeiro trio de arbitragem feminino a comandar uma partida da Série A do Brasileiro em 2003.

J.A. - É a em que eu estou agora, FIFA.

I.M. - Qual foi o período em que você arbitrou, ou seja, desde quando você arbitra?

J.A. - Desde 200 em Ipatinga e em 2001 na Federação¹².

I.M. - O que te fez permanecer como árbitra de futebol?

J.A. - Ah, o gosto pelo futebol, não é? Essa paixão pelo esporte, foi isso.

I.M. - Quais as principais dificuldades que você enfrentou/enfrenta na arbitragem?

J.A. - É conciliar trabalho e vida social, esses são os maiores problemas. Com os treinos, as viagens, torneios, conciliar isso é o maior problema.

I.M. - Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

J.A. - Ela sempre esteve presente, não é? Primeiro porque saí do interior e vim para cá e desde o início eles sempre me acompanharam, não é? E continuam acompanhando até hoje. Então qualquer coisa que acontece eles são os primeiros a saberem, o que está se passando, tanto coisas boas quanto ruins, não é? É o suporte.

I.M. - Em quais campeonatos atuou na arbitragem no futebol profissional?

J.A. - Em todas as divisões do Campeonato Mineiro e Brasileiro.

I.M. - Por quais federações e ligas arbitrou?

J.A. - Eu atuei pela liga de Ipatinga e pela Federação Mineira de Futebol.

I.M. - Quais pessoas você destacaria como relevantes para a consolidação da sua carreira?

J.A. - Tanto no lado pessoal quanto profissional?

I.M. - Sim. Ah, não. Estou falando da carreira no futebol profissional, na arbitragem.

J.A. - O Márcio Rezende de Freitas¹³, Sérgio Correa¹⁴ e Marta Magalhães¹⁵.

I.M. - Quais os principais fatos que contribuíram para a consolidação da sua carreira? Por quê?

J.A. - Eu acho que foi a dedicação física, não é? Eu acho que foi isso que me manteve, essa exigência do treino do índice masculino para os testes. O fato de poder falar duas línguas, não é? Que era exigido, que sempre foi pedido. E os próprios jogos em si, não é? Graças a Deus tive uma atuação que na opinião deles foi satisfatória e que favoreceu essa consolidação

I.M. - Você teve algum árbitro ou árbitra como referência para sua atuação?

J.A. - Sim, eu tive uma árbitra assistente como referência, a Cleidy Mary¹⁶, de Santa Catarina.

I.M. – Por que ela era uma referência para você?

J.A. - Porque ela em termos de arbitragem feminina aqui no Brasil, foi a que fez tudo, não é? Trabalhou em todos os torneios. É uma excelente pessoa, tanto no profissional como no pessoal. Então assim, para mim era tida como exemplo, modelo de pessoa e de profissional.

I.M. - Como foi para você conciliar as demandas da arbitragem com a sua vida pessoal?

¹² Federação Mineira de Futebol.

¹³ Ex-árbitro do futebol mineiro.

¹⁴ Presidente da comissão de arbitragem da CBF

¹⁵ Psicóloga esportiva que atua na arbitragem.

¹⁶ Cleidy Mary Ribeiro, ex-assistente FIFA, de Santa Catarina.

J.A. - Difícil, muito complicado. Porque principalmente em datas comemorativas, por exemplo, o ano passado, 2014, foi o primeiro ano que eu passei o meu aniversário com a minha família depois de quatro anos. Eu sempre estava viajando. Finais de semana, encontros de família, namoro isso tudo compromete, então é complicado.

I.M. - Quais episódios marcaram a sua carreira na arbitragem até o momento?

J.A. - Bom, a minha estréia na série A no clássico mineiro. Porque até então nenhuma árbitra mineira tinha feito e eu estava fazendo, pela série A com o Paulo César de Oliveira e Ednílson Corona¹⁷, dois ícones da arbitragem. Depois foi quando eu entrei para a FIFA, que era um sonho de assim, uma coisa que eu queria muito. E agora esta convocação para a Copa do Mundo¹⁸, que eu acho que é um ápice que eu poderia atingir na minha carreira.

I.M. - O que a arbitragem trouxe de positivo para a sua vida?

J.A. - De positivo? A ampliação do círculo de amizades, ela me proporcionou independência em todos os sentidos, não é? Pessoal, financeira, é isso.

I.M. - O que significava para você ser árbitra de futebol profissional no Brasil?

J.A. - O que significa para mim? Ah. Motivo de orgulho, não é? Eu me sinto orgulhosa pela carreira que eu pude, pude...a própria carreira que eu tenho hoje, eu comecei lá no interior, passei pelo amador, muita coisa, sofri muito. Então em todos os sentidos, de adaptação, de aceitação. Então ser árbitra de futebol para mim hoje é um motivo de orgulho. Sou orgulhosa de ser árbitra de futebol.

I.M. - Você diria que atingiu seus objetivos na arbitragem do futebol?

J.A. - Sim. Sim, eu acho que com essa convocação para a Copa do Mundo, eu acho que eu atingi o máximo que eu poderia atingir, em termos de profissional.

¹⁷ Ednílson Corona, ex-assistente.

¹⁸ Copa do Mundo de Futebol Feminino 2015, no Canadá.

I.M. - Como você percebe o olhar dos outros (jogadores, torcedores, comissão técnica, comentaristas) sobre a mulher em campo no futebol profissional brasileiro?

J.A. - Ah, eu sou indiferente a essas coisas. Isso antes eu poderia até me preocupar, mas as pessoas que fazem este tipo de comentário, não me atingem em nada. Para mim, não se encaixa. Porque o tipo de conduta que eu adoto, que eu tenho, difere daquilo que eles pregam. Então para mim, não me molesta, não me afeta em nada.

I.M. - Como você percebe o tratamento da mídia em relação à árbitra de futebol?

J.A. - Bom, a mídia ela é sensacionalista, não é? Ela vai buscar aquilo para ela convém e que dá Ibope¹⁹. Ela tem o estereótipo do erro e, quando a mulher erra ela é alvo de críticas e o estereótipo da beleza, também que se encaixa, onde muitas se perdem.

I.M. - Em sua visão como são vistos pela mídia os erros de arbitragem cometidos por homens e mulheres? Existe alguma diferença na maneira como são retratados?

J.A. - Na verdade, antes eu até pensava que poderia ter um peso maior em cima da mulher, mas hoje não vejo isso não. O erro por si só, para mim e acho que ele pega da mesma maneira tanto para homem como para mulher. Então o massacre quando há erro, é o mesmo para ambos.

I.M. - Como é a rotina de treinamentos para atuar no futebol profissional?

J.A. - É pesado. Eu tenho que manter uma rotina de seis dias, contando com a partida, com o descanso de um dia apenas.

I.M. - Você observa diferenças entre o árbitro e a árbitra no futebol? Caso afirmativo, quais diferenças você destacaria?

J.A. - A diferença é em termos de oportunidades, não é? Porque a mulher enquanto assistente ela faz qualquer partida a nível nacional. E ela, já apitando é praticamente

impossível você ver uma mulher apitando uma partida de série A do Campeonato Brasileiro. Então eu acho que essa é a principal discrepância, não é? Essa falta de confiança, eu acho que mais é falta de confiança do que preconceito, não é? Então é isso. Apesar de eles exigirem o índice, uma árbitra que faça o índice, dificilmente você vai ver ela apitando uma partida de Campeonato Brasileiro série A.

I.M. - O que a sua geração de árbitras deixa para as gerações seguintes?

J.A. - Eu acredito que deixa um legado, muito mais fácil. Porque as árbitras, pelo menos aqui em Minas²⁰ hoje, não tem que passar por aquele processo árduo que nós passamos, de futebol amador. Então são todos os jogos que elas têm e a possibilidade de ascensão delas é muito mais rápida do que quando foi na minha época. Então para quem está chegando agora eu acho que é um caminho mais facilitado.

I.M. - Eu queria saber como é para você ser a única árbitra brasileira na Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA 2015?

J.A. - É uma sensação assim, é boa, mas ao mesmo tempo você não acredita. Você trabalha para isso, mas quando vem é uma coisa fantástica, não é? Então você pára para pensar em todo aquele sacrifício de ficar ausente na família, de levantar 5 horas da manhã para treinar antes de ir trabalhar, para agüentar a rotina. Então, assim, eu me sinto muito orgulhosa e feliz, não é? Porque o processo foi duro, foi pesado e ao final eu consegui superar isso tudo e ser convocada. Então eu sou muito feliz e muito orgulhosa disso.

I.M. - Como é o dia do jogo para você, o dia em que você fazer uma partida?

J.A. - Ah, eu fico só por conta do jogo, não faço nada. Assim se eu tiver alguma tarefa para fazer em casa, seja pessoal ou profissional, não faço nada. Procuo ver um filme, ficar bem relaxada e ao mesmo tempo uma “atenção relaxada” vamos assim dizer, não é? Concentrada, já mentalizando o jogo.

¹⁹ Que dá audiência.

²⁰ Minas Gerais.

I.M. - Eu gostaria que você falasse um pouquinho mais das demandas da arbitragem com a vida pessoal, como é essa conciliação da profissão, a família e a carreira de árbitra, descrever um pouco mais essa rotina, essas dificuldades, viagens?

J.A. - Bom, apesar de você ser um prestador de serviço para a entidade, você trabalha quando você quer, é extremamente complicado você ficar pedindo dispensa no meio de um campeonato. Por exemplo, igual se tiver na final da semana que vem, no domingo, e aí é aniversário do seu pai. Como é que você vai falar assim: “Ah, eu não vou para a final não porque é aniversário do meu pai”? Então você fica dividido porque é o aniversário do seu pai e é uma final. Então, assim, é complicado. Às vezes tem uma festa para ir, você fala: “Ah, eu não posso porque hoje eu viajo para um jogo”. Até em termos profissionais, quando você pega uma rodada de meio de semana do Campeonato Brasileiro, você tem que viajar na terça e você só volta na quinta. Então você perde três dias de serviço por conta do futebol, não é? Então se você não tiver um emprego em que as pessoas compreendam a sua situação, você não pára em serviço nenhum. Essas são as dificuldades de conciliar a vida pessoal com a arbitragem.

I.M. - Eu queria te perguntar, Janette, teve algum jogo que te marcou?

J.A. - Esse Cruzeiro e Atlético, que foi a minha estreia na série A e foi um clássico.

I.M. - Em 2009?

J.A. - É.

I.M. - Eu queria te perguntar, como é para você estar nestas competições de futebol feminino, igual você esteve na Copa Algarve, esteve no Torneio Internacional de Futebol Feminino em Brasília?

J.A. - Ah, no início era meio complicado não é. Porque você é uma novata, você não sabia como é que funcionava tudo, você tinha informação, as pessoas te contavam como que era, mas nunca é a mesma coisa. Então assim, hoje eu sou muito mais segura, é bem tranquilo. Então você conhece já várias árbitras do mundo inteiro, então assim, você convive muito

bem, não é? É praticamente como se fosse uma família, não é? Porque igual vou para a Copa²¹ agora, vou ficar um mês praticamente convivendo com elas. E é muito legal. A receptividade é muito grande, não é? É muito bom, é realmente como se fosse uma família.

I.M. - Você poderia comentar um pouco mais sobre a questão do futebol amador? Como essa experiência contribuiu para você na arbitragem do profissional?

J.A. - Bom, eu falo que árbitro que não foi ao futebol amador, que não teve essa oportunidade de passar pelo futebol amador, não foi árbitro. Porque a verdadeira escola é ali. É ali que você aprende a apitar, a bandeirar um jogo de futebol. É ali que você encontra as maiores adversidades, risco e ao mesmo tempo você está sob uma pressão muito grande e a sua vida está em risco, e você tem que tomar a decisão. Então é uma grande escola, você cria casca para o futebol profissional. Então, o árbitro, para mim, para ser bem sucedido no profissional, ele tem que ter uma boa escola, um bom aprendizado no futebol amador, é essencial. Não tem como você formar um árbitro profissionalmente sem ter passado pelo amador, não é? É ali que você aprende tudo.

IM: Qual é a sensação de estar em um jogo, em um estádio lotado?

J.A. - É diferente, não é? Dependendo do jogo [interrupção de 2 minutos, a pedido da entrevistada para verificar se a janela da casa estava aberta, em virtude de chuva]. Depende muito do jogo, tem jogo em que você está mais segura, tem jogo em que você está mais nervosa em decorrência do contexto do jogo em si ou do próprio local onde você está. Depende do momento também que você está vivendo.

I.M. - Você atuou em jogos da Copa do Brasil feminina e Campeonato Brasileiro Feminino?

J.A. - Atuei.

I.M. - Como é foi esta experiência?

²¹ Copa do Mundo de Futebol Feminino 2015.

J.A. - Não gosto muito não, para te falar a verdade. Trabalhar em campeonato feminino para mim, não sei. Às vezes porque eu estou trabalhando no masculino, é totalmente diferente, não é? O bom do campeonato feminino é que ele é um laboratório, não é? Nele, acontece de tudo. Então serve para você colocar em prática tudo aquilo que está no livro de regras. As situações mais inusitadas e inesperadas acontecem no feminino. Mas eu particularmente não gosto porque o volume de jogo é menor, então assim a nível nacional. Porque a nível internacional é fantástico. É igual ao profissional masculino. Então o nível é totalmente diferente. O campeonato brasileiro aqui está muito aquém de ser ideal tecnicamente.

I.M. - As competições internacionais em que você teve experiência no futebol feminino foram a Copa Algarve²², Torneio Internacional, houve mais alguma?

J.A. - Não, de futebol não, torneio mesmo não. O resto foi só seminário²³.

I.M. - Você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

J.A. - Eu acho sim, legal este tipo de estudo porque hoje não se vê muita coisa voltada para a arbitragem, principalmente arbitragem feminina, não é? Então eu acho que você está de parabéns pelo seu trabalho, espero ter contribuído de alguma forma para ele e que depois você possa enviar o resultado para gente (risos).

I.M. - Eu queria só te explicar de onde surgiu a ideia de fazer este trabalho. Eu estive envolvido com o futsal feminino uma época, no colégio, ensino médio. Havia uma equipe de futsal feminino no colégio eu era goleiro, não é? E a equipe tinha uma goleira só, aí o treinador me convidava para ir aos treinos das meninas para treinar com elas, não é? Então eu sempre tive um envolvimento muito grande com o futsal feminino, com o futebol feminino. Sempre gostei muito, acompanho futebol feminino. Então eu sou um fã incondicional de futebol feminino e da arbitragem feminina também. E quando eu entrei na Faculdade de Educação Física eu fiz um curso de arbitragem de futsal. Eu apito futsal

²² Algarve Cup 2015, torneio de futebol feminino em Portugal.

²³ Seminários da FIFA em que ela participou.

amador aqui em Juiz de Fora, entendeu? Eu fiz o meu TCC do Bacharelado, eu fiz um trabalho sobre a violência contra a arbitragem no futebol amador de Juiz de Fora. E aí no Mestrado eu quis juntar essa experiência que eu tinha do feminino com a arbitragem, não é? E resolvi montar este projeto sobre as árbitras de futebol.

J.A. - É bacana. É bem legal. Eu acho que nem eu teria “saco” para fazer isso não (risos). Eu gosto muito do futebol feminino, mas o meu trabalho com futebol feminino, foi só com FIFA, não é? Porque o Campeonato Brasileiro aqui ele é regionalizado, não é? Então, Minas²⁴ não tem equipes, só tem agora o Santa Cruz e antes tinha o Atlético, mas a quantidade de jogos era bem menor. Então assim, é bem legal. Eu cheguei a fazer curso de futsal lá em Ipatinga, mas coincidiu de eu estar vindo embora eu nunca cheguei a apitar um jogo também não. Eu fiz só por fazer. Foi bem legal. E eu nunca joguei bola, tenho pavor, tenho pavor. Primeiro porque eu não tenho esportiva para jogar e segundo que eu não tenho técnica. Uma vez que eu tentei brincar, a minha me deu um chute na canela e eu parti para cima dela, então tiveram que me tirar do jogo. Jogando, praticando futebol? Sem chance. Só bandeirando (risos).

I.M. - Eu posso colocar esta parte agora do final que você falou do futebol também, porque na verdade a gente tinha encerrado a entrevista, não é? Mas eu posso colocar esta parte do final? Porque eu achei interessante essa do futebol que você falou.

J.A. - De?

IM: Da canela, que te chutaram.

J.A. - Me chutaram, menino, nossa. Nem foi futebol de campo, foi futsal. Nunca mais joguei.

I.M. - Porque aí eu aproveito a nossa conversa como um todo.

J.A. - Esse negócio de entrevista eu “travo” todinha. Eu travo, porque você vê, eu vou me soltando na conversa informal, descontraída.

I.M. - Esse torneio Internacional de Futebol Feminino²⁵ que tem, eu sempre assisto ele. Eu ficava imaginando como é que não deve ser apitar um jogo da seleção norte-americana, deve ser uma coisa super legal, ver aquelas jogadoras...

J.A. - Você falou tudo, cara. Assim, nossa. Porque primeiro quase que eu perdi o vôo para esse torneio. Porque esse torneio é arbitragem local, não é? Então como ele era em Brasília, eu sabia da existência do torneio mas nunca imaginava que esse ano ia ser diferente, que iria ser com as árbitras FIFA. Aí abri meu email, do nada descubro que meu vôo... eu abri meu email a noite e o meu vôo era no outro dia cedo. Eu falei, não estou acreditando nisso. Não sabia onde estava o meu material, essa coisa toda. Aí quando eu cheguei lá, fui para o jogo e vi as seleções eu falei assim: “Puxa vida!”. Aí na hora que eu ia apitar jogo da seleção americana, eu falei: “Putz e agora?”. Apesar de eu já, naquele ano, no ano passado, eu já tinha trabalhado com a seleção americana, lá em Algarve, o jogo que eu fiz foi Suécia e Estados Unidos, que é um clássico mundial, porque até então era a primeira contra a segunda do mundo. E a treinadora do Estados Unidos, tinha acabado de passar para a Suécia, então foi um duelo assim “coisa de louco”. Então eu fiquei tão apreensiva que eu não desfrutei o jogo. Ao contrário daqui, quando eu vi a seleção americana assim, foi bem legal, eu vi a Wambach²⁶, a Hope Solo²⁷, nossa, foi bem legal.

I.M. - É. Deve ser bem interessante mesmo. A própria seleção brasileira também, ter a oportunidade de apitar jogo destas meninas, deve ser uma coisa bem legal, não é?

J.A. - As meninas, é bem legal mesmo. Agora eu não estou muito otimista em relação a elas na Copa do Mundo, não. Mas, enfim... Até mesmo porque eu estou “torcendo”, porque se elas vierem embora eu fico, se elas ficarem eu venho embora (risos). Então eu torço por mim (risos).

I.M. - É por causa da final, não é? Porque você não pode fazer jogos em que a seleção está, não é?

²⁴ Minas Gerais

²⁵ Torneio Internacional de Futebol Feminino de Brasília 2014.

²⁶ Abby Wambach, atacante da seleção norte-americana.

J.A. - Na verdade eu não vou fazer jogos de times da América do Sul, não é?

I.M. - Você não pode fazer?

J.A. - Não. Porque eu represento esta Confederação, não é? Lá eu não vou pela CBF, lá eu vou pela CONMEBOL²⁸.

I.M. - Que interessante. Eu não sabia disso não. Essa informação é importante.

J.A. - Porque como eu vou pela CONMEBOL então eu não posso apitar nenhuma partida que envolva times associados a CONMEBOL, entendeu? Não sei se você sabia, mas para a FIFA mulher só trabalha em competições femininas, você sabia disso?

I.M. - Não.

J.A. - Então nunca, isso quer dizer...não vou falar nunca, não é? Mas nem se cogita haver uma mulher trabalhando em Copa do Mundo masculina, em torneios masculinos pela FIFA. Pela CONMEBOL também não. Já tivemos a Ana Paula que fez jogos da Libertadores²⁹, não é? com dois times brasileiros, eu acho que foi Corinthians e São Paulo. Ela chegou a fazer dois jogos pela Libertadores envolvendo times brasileiros. Com relação a isso, se ela tivesse continuado, talvez hoje nós estaríamos fazendo a Libertadores masculina. Mas num futuro próximo isso é totalmente impossível. Para a FIFA árbitra mulher, só em competições femininas.

I.M. - Tem em um regulamento isso ou é uma política?

J.A. - Você pega na carta da FIFA “mulheres estão direcionadas para competições femininas e homens para competições masculinas”. Isto é regimento interno, não é? Vem de cima para baixo.

²⁷ Hope Solo, goleira da seleção norte-americana.

²⁸ Confederação Sulamericana de Futebol.

²⁹ Copa Libertadores da América.

I.M. - Janette, a mudança de categorias na arbitragem demora um pouco? Você demorou um pouco para ir progredindo ou foi uma ascensão rápida?

J.A. - Bom, para chegar a FIFA eu gastei... entrei em 2012, 12 anos para chegar ao quadro FIFA. E, por exemplo, hoje você tem a Fernanda Colombo, que para chegar a Aspirante FIFA não gastou 2. Então é muito relativo, Igor, tem uma série de fatores que interferem nisso aí. Várias razões políticas, tem muita coisa, muita coisa que interfere. Mas o processo em si, é mais ou menos essa média igual eu fiz. Talvez agora seja mais rápido por conta de não ficar tanto tempo no futebol amador. Na medida em que as mulheres vão fazendo índice masculino, elas vão tendo uma certa vantagem em relação às outras, entendeu? Então o progresso delas é maior hoje. Bem maior do que era na minha época, então é muito relativo esse processo de ascensão. Só mais uma coisa. A Federação esta semana mandou a divisão do quadro feminino, das categorias. Então todas as árbitras foram categorizadas. Se você tiver interesse em saber estas categorias, te envio depois.

I.M. - Ah, tenho sim. Você fala categorias se elas são Federação Mineira, Aspirante FIFA, CBF e FIFA, é isso?

J.A. - Não. Dentro da Federação tem as categorias ouro, prata e bronze, não é? Não se você tem isso.

I.M. - Não sabia disso não.

J.A. - Me enviou esta semana. Porque até então não tinha, não é? Na verdade o quadro feminino não era categorizado, não é? Então já é um avanço.

I.M. - Então isso é uma categorização do quadro feminino, apenas?

J.A. - Exatamente, do quadro feminino.

I.M. - O masculino não tem ouro, prata e bronze?

J.A. - Tem, tem também. Tanto é que foi criada uma outra categoria, a Especial, para árbitros “Especial”, que são aqueles que já foram FIFA e continuam na Federação ou que tiveram status mas não conseguiram chegar a CBF ou a FIFA. Só não sei se já está no site da Federação. A Federação mandou por WhatsApp aqui, então eu vi que foi categorizado.

[FINAL DA ENTREVISTA]